



# OS MECANISMOS EM JOGO NO TRATAMENTO PSICANALÍTICO: PERLABORAÇÃO E SUBLIMAÇÃO<sup>1</sup>

## THE MECHANISMS AT STAKE IN PSYCHOANALYTICAL TREATMENT: WORKING-THROUGH AND SUBLIMATION

Kátia Botelho de Carvalho<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** A partir dos diversos empregos da noção de trabalho (arbeit) no processo psicanalítico, considerando desde a exigência de trabalho que toda pulsão representa, o que se passa entre analista e analisante em termos de trabalho psíquico, até a possibilidade do sujeito alcançar um “plus” de liberdade psíquica ao final desse percurso, a autora apresenta formulações freudianas decisivas sobre o que está em jogo no tratamento analítico. Nessa direção retoma o texto “Recordar, repetir e elaborar”, no intuito de fazer uma articulação entre o mecanismo de perlaboração e a viabilidade da operação de sublimação. Nesse percurso, as diversas formas de resistência foram detalhadamente descritas e articuladas com o conceito de perlaboração, buscando situar e demonstrar o que está em jogo nesta operação, ou seja, o que está fundamentalmente em jogo numa análise. Por fim, a autora faz uma articulação enlaçando o resultado do trabalho de perlaboração ao bem dizer que se alcança ao final de uma análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho analítico; Resistência; Perlaboração (Durcharbeitung); Sublimação; Bem-dizer.

**ABSTRACT:** Based on the many uses of the conception of work (Arbeit) in the analytical process, the author considers it ranging from the demand of work that all the drives represent to what happens between analyst and analyzing person, in terms of psychical process. Also considering the possibility of achievement of a surplus of psychic freedom at the end of the process, the author presents decisive Freudian formulations about what is at stake in the psychoanalytical treatment. In this direction, she returns to the text “Remembering, repeating and working-through”, intending to articulate the mechanism of working-through with the viability of operating the sublimation. Throughout this path, the many forms of resistance were described in detail and connected to the concept of working-through, intending to show what is at stake in this operation – i.e., what is fundamentally at stake in an analysis. Finally, the author articulates the result of the working-through with the benedictory that is reached at the end of an analysis.

**KEYWORDS:** Analytical work; Resistance; Working-through (Durcharbeitung); Sublimation; Benedictory.

---

## 1 INTRODUÇÃO

*Repetir repetir – até ficar diferente.*

*Repetir é um dom do estilo.*

*(Manoel de Barros, O livro das ignoranças)*

Dentre os quatro termos que caracterizam o conceito de pulsão, está seu fator motor [Drang], que se entende como a soma de força ou a medida de exigência de trabalho [die summe von Kraft oder das Maß von Arbeitsanforderung] que a pulsão representa. De fato,

---

<sup>1</sup> O presente artigo é parte da Dissertação de Mestrado “A sublimação como um destino da pulsão no tratamento psicanalítico”, apresentada em 2001, ao corpo docente do Mestrado Inter-institucional UFRJ-PUC/MG Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da professora Dra. Vera Lopes Besset.

<sup>2</sup> kaboca@terra.com.br

Freud afirma ser esse caráter propulsor uma propriedade universal das pulsões, até mesmo sua essência, de modo que se pode dizer que toda pulsão é um fragmento de atividade [*ein Stück Aktivität*] (FREUD, 1996, p. 117).

Tal como a pulsão, pode-se dizer também que o sujeito em análise implica uma exigência de trabalho [*Arbeitsanforderung*]. Assim como a própria análise, fazendo série com os termos *pulsão* e *sujeito*, constitui-se, em última instância, como um empuxo ao trabalho. Podemos afirmar com Freud que a análise consiste num trabalho que compromete ambos os participantes do processo psicanalítico. Luis Hornstein chega mesmo a afirmar que “o analista que Freud propõe assemelha-se mais a um trabalhador empenhado, disposto a arregaçar as mangas para ajudar o outro a desatolar-se, do que alguém que observa com um silêncio ascético, mantendo uma distância exasperante” (HORNSTEIN, 1990, p. 130).

Quando se trata do dispositivo analítico e dos efeitos operatórios dali resultantes, o que se constata é a presença marcante e essencial do significante *trabalho* [*Arbeit*]. Fala-se de “trabalho do inconsciente”, “trabalho do sonho”, “trabalho interpretativo”, “trabalho de transferência”, “trabalho de recordar”, “trabalho da resistência” e “resistência ao trabalho”, enfim, tudo aquilo que se passa entre analista e analisante está situado no âmbito do trabalho analítico. Na verdade, todo edifício psicanalítico, desde seus fundamentos práticos até suas mais sofisticadas elaborações metapsicológicas, é o resultado de um enorme esforço de trabalho.

Para Freud, o processo analítico poderia ser comparado a uma expedição envolvendo um investimento de trabalho tanto da parte do analisante como do analista, de natureza investigatória, para o qual ele dispõe de todo o seu instrumental teórico-técnico, contando com os recursos do candidato à análise a fim de se proceder à exploração de sua história inconsciente, e ao mesmo tempo reescrevê-la. Como outros já enfatizaram, a proposta de Freud apresentava uma dimensão lúdica, não esperando a “demanda” de análise, mas produzindo-a com seu trabalho (HORNSTEIN, 1990).

Não é sem razão que, no rastro das formulações de Lacan, muitos têm comentado sobre o caráter equívoco e até mesmo nocivo da caricatura do analista eternamente silencioso, à espera de que a análise se desenrole ao sabor da fala e procuram demonstrar quão ativo é o trabalho do analista em sua prática. Essa atividade é marcada frequentemente por uma forma de trabalhar que não consiste apenas “em deixar que a palavra surja” (NASIO, 1999, p. 7).

Convém lembrar que Lacan nos legou um importante texto no qual ele reafirma, *freudianamente*, que o analista dirige o tratamento e, portanto, o tratamento se produz.<sup>3</sup> Ali ele

---

<sup>3</sup> “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, de 1958, inserido nos *Escritos*.

desenvolveu toda uma dimensão “de política, de estratégia e de tática”, no sentido de pensar o processo analítico a partir de uma técnica de direção do tratamento, com uma visada ética. Entretanto, não se trata de uma concepção instrumental da técnica psicanalítica, mas da criação, no psicanalista, de um estado particular de disposição orientada para a realização de uma experiência singular do inconsciente, o que se caracteriza como uma posição eminentemente ética.

É importante ressaltar que, se por um lado, o fato de dispor de uma técnica para operar na análise poderia favorecer a captura imaginária numa vontade de dominar e dirigir o tratamento, por outro, trata-se de não se deixar cair na tentação de domínio. Como? Através de uma atitude lúdica e humorística (NASIO, 1999, p. 7), fazendo semblante de dirigir, estudando seriamente a técnica e esperando secretamente que a verdade na análise irrompa em nós, nos surpreenda e ponha limite ao suposto domínio de nossa ação. Desse modo, faz-se a experiência da análise e leva-se o analisante a atravessar essa experiência, ou seja, a ocupar o lugar a partir do qual a verdade inconsciente fala.

## 2 OS OBJETIVOS DO TRABALHO ANALÍTICO

Percorrendo a obra freudiana, encontramos formulações decisivas sobre o que está fundamentalmente em jogo num tratamento analítico. Partindo da conferência sobre a terapia analítica, encontramos a seguinte colocação de Freud:

O neurótico é incapaz de gozar e de produzir (render); do primeiro, porque sua libido não está dirigida a nenhum objeto real, e do segundo, porque tem que gastar uma grande proporção de sua energia restante para manter a libido em estado de recalque e defender-se de seu assédio... A tarefa terapêutica consiste, então, em desprender a libido de suas provisionais ligaduras subtraídas ao eu, para colocá-la de novo ao serviço dele (FREUD, 1996, v. XV, XVI, p. 413).

Como se sabe, a libido dos neuróticos encontra sua satisfação substitutiva na produção de sintomas, os quais requerem, para serem solucionados, que se remonte ao conflito do qual nasceram. É interessante notar que Freud nos diz ser preciso apoderar-se dos sintomas e resolvê-los, o que se consegue renovando o conflito e levando-o a um outro desenlace. Essa *revisão do processo de recalque* [*Revision des Verdrängungsprozesses*] efetua-se não só através dos vestígios mnêmicos dos acontecimentos que deram origem ao recalque, mas, decisivamente, pela atualidade das novas versões do conflito, vividas na relação com o analista. Daí Freud dizer que a transferência é o campo de batalha onde se encontram todas as forças que combatem entre si (FREUD, 1996, v. XV, XVI, p. 413).

Na perspectiva dessa conferência de 1917, Freud apresenta o trabalho terapêutico composto de duas fases: na primeira, a libido passa do investimento nos sintomas para o investimento transferencial na figura do analista; na segunda, elimina-se o circuito do recalque nesse conflito renovado em torno do novo objeto.

O resultado desse esforço implica a manutenção do investimento libidinal no eu. É importante notar que o eu é fortalecido mediante o trabalho de interpretação, que transpõe o inconsciente em consciente; reconcilia-se com a libido, concedendo-lhe alguma satisfação e ao mesmo tempo reduzindo seu horror às exigências libidinais, pela “possibilidade de neutralizar um montante parcial da mesma através da *sublimação*” (FREUD, 1996, v. XV, XVI, p. 414).

Se, em 1917, Freud concebe a possibilidade de restaurar a capacidade de gozar e produzir do neurótico – em termos de uma liberação de libido recalçada decorrente do conflito entre o eu e a sexualidade ameaçadora, que então poderá ser posta novamente a serviço do eu –, em 1938 verifica-se que o acento continua se mantendo ao redor desta instância.

Após a formulação do que se convencionou chamar sua “segunda tópica”, com as instâncias do *Isso* [*Es*], *Eu* [*Ich*] e *Supereu* [*Überich*], Freud concebe a condição dos estados patológicos, que para ele consiste em um debilitamento relativo ou absoluto do eu. Este é visto, então, como submetido às exigências imperiosas tanto do isso e do supereu quanto da realidade objetiva. De um lado, é preciso conter as exigências pulsionais do isso, o que consome grandes quantidades de contra-investimento, de outro, os implacáveis imperativos do supereu, levando a uma paralisação do eu frente às suas outras tarefas. Daí resultam conflitos econômicos severos que atingem um eu oprimido.

Ora, Freud funda seu plano terapêutico no *Esboço de psicanálise* [*Abriss der Psychoanalyse*] – que ele caracteriza como uma “obra para estudantes avançados” –, plano esse claramente voltado para socorrer um eu massacrado e debilitado pelo conflito interior.

Com esse propósito em vista, o caminho de fortalecimento do eu envolve um primeiro passo, que parte da ampliação de seu conhecimento de si. Assim, Freud considera que a primeira peça de nosso auxílio terapêutico é um trabalho intelectual e uma exortação ao paciente para que colabore com ele, de modo a facilitar o caminho para a outra tarefa, considerada mais difícil, mas, ao mesmo tempo, a mais importante de nossa empreitada, que envolve vencer as resistências com as quais o eu se protege da intrusão de elementos indesejáveis oriundos do isso inconsciente e recalçado (FREUD, 1996, v. XXIII, p. 178).

Na verdade, pode-se dizer que a essência do trabalho analítico consiste em vencer as resistências, o que demanda enorme quantidade de tempo e se faz a “duras penas”. Entretanto,

é a partir daí que se produzem as necessárias e vantajosas alterações do eu, que se afirmarão na vida do sujeito.

Trabalharemos mais adiante, neste capítulo, as diversas modalidades de resistência com as quais temos que nos haver durante o tratamento psicanalítico. Por ora, tomaremos como marco de referência para conceber os objetivos de um trabalho analítico as últimas linhas escritas por Freud em 1933, no final da 31<sup>a</sup> conferência das *Novas conferências de introdução à psicanálise*, que dizem:

[...] seu propósito é fortalecer o eu, torná-lo mais independente do supereu, alargar seu campo de percepção e ampliar sua organização de maneira que possa apropriar-se de novos fragmentos do isso. *Onde Isso era, Eu devo advir*. É um trabalho de cultura como o dessecamento do Zuidersee (FREUD, 1996, v. XXII, p. 74).

Eis aí o aforismo freudiano que aponta para a essência do trabalho psicanalítico em sua dimensão tipicamente ética, esse “*Wo Es war, soll Ich werden*”, cuja raiz Lacan situa na experiência moral que está em questão na análise, a qual já se encontra no próprio princípio de entrada do sujeito em análise. Isto é, o eu que deve advir lá onde isso era, tal como se pode avaliar a partir das análises efetuadas, já se enraíza nesse eu que se propõe uma questão sobre a natureza de seu sofrimento (LACAN, 1988, p. 16).

Embora tudo leve a crer que Freud está privilegiando o conflito entre as instâncias, na verdade não seria incorreto afirmar que o eu de que Freud nos fala nesse momento não é o mesmo eu (ego) privilegiado pela *Ego Psychology*, uma das grandes correntes da história do freudismo norte-americano. Como afirmam Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, “enquanto Freud, em 1923, afirmou a primazia do inconsciente sobre o consciente e provocou uma reviravolta no campo de estudo das pulsões com a introdução da pulsão de morte, os partidários da *Ego Psychology* sustentam uma postura que vai em sentido contrário a esse descentramento” (ROUDINESCO, PLON, 1998, p. 170).

A visão de um eu autônomo que controla suas pulsões primitivas parece ser tributária do fato de “o *Ich* freudiano ter sido traduzido para o inglês por James Strachey pelo vocábulo latino *ego*, o que não deixou de ter importância para a disseminação de todas as teorias do eu e da pessoa em língua inglesa” (ROUDINESCO, PLON, 1998, p. 170). Lacan criticou essa “psicanálise norte-americana” introduzindo na doutrina freudiana uma teoria do sujeito, que, ao invés de distinguir um *ego* e um *self*, lhe permite distinguir um *je* e um *moi* e, com isso, construir a ideia do “sujeito representado” por um significante. Trata-se, portanto, do eu enquanto sujeito do *Ics*, eticamente posicionado a partir de sua divisão subjetiva, divisão esta que o processo analítico irá, de fato, revelar.

Nesse sentido, estamos enfatizando o objetivo ético de uma operação analítica, mais além dos objetivos terapêutico e investigativo, o que não significa que se possa desvinculá-los uns dos outros. Na verdade, eles caminham juntos, mas, a partir do estabelecimento da neurose de transferência, sabemos que toda psicanálise leva, em tese, à criação de um analista. Pois, na medida em que a descoberta analítica progride, a partir especialmente do que se vive na transferência e que nunca se esquece, o sujeito assim transformado coloca para si mesmo a questão de seu desejo. Nos termos de Lacan, “irá ele submeter-se ou não a esse dever que sente como estranho, esse imperativo do supereu, paradoxal e mórbido?” (LACAN, 1988, p. 16).

E, para não perder de vista o empenho cuidadoso de Freud em alertar os analistas para a dimensão ética do trabalho analítico, faz-se mister lembrar seus comentários sobre o perigo de se entregar aos apelos enamorados do analisante, o que resultaria no triunfo deste em detrimento do tratamento. Lembremos que desde 1915 Freud postulava o princípio da abstinência de modo a poder prosseguir no trabalho cuja meta é descobrir a escolha infantil de objeto e as fantasias aí envolvidas, o que se passa na e pela transferência. Está bem estabelecido o princípio ético para ele: “para o analista fica excluído ceder” (FREUD, 1996, v. XII, p. 173).

Isto se aclara no sentido de o paciente poder alcançar um estágio decisivo na vida, que implica em “aprender a vencer o princípio do prazer, a renunciar a uma satisfação imediata, mas não instituída socialmente, em favor de outra mais distante, talvez muito mais incerta, mas irrepreensível tanto no psicológico quanto no social” (FREUD, 1996, v. XII, p. 173). Não estariam aí indicados, mais uma vez, os efeitos sublimatórios de uma psicanálise? Para isso, o sujeito tem que ser levado a repassar a série de suas experiências primeiras, adquirindo assim “aquele *plus* de liberdade anímica em virtude da qual a atividade consciente se distingue – no sentido sistemático – da inconsciente” (FREUD, 1996, v. XII, p. 173).

É verdade que houve pós-freudianos que fizeram da leitura dessas considerações uma ortopedia terapêutica que almejava uma adaptação do ego. Devemos a Lacan a retomada das noções freudianas no sentido de corrigir o caráter distorcido de tal apropriação equivocada. Embora alguém possa pensar que existe nessa indicação uma proposta adaptadora, seria mais interessante ver nela, pelo contrário, o aspecto inevitável da sublimação como destino pulsional.

Somos levados a pensar o processo analítico, ele mesmo, como um trabalho de sublimação. Esta conclusão converge para o que já se designou como “o objetivo ético da psicanálise pura, que está muito próximo do que chamaríamos uma *sublimação*, na medida em que a

transformação vivida na e pela transferência, e que nunca se esquece, vai se converter para muitos no ato de abrir uma nova análise” (NASIO, 1999, p. 38).

Entretanto, ainda que não haja um efetivo engajamento do sujeito analisante no lugar de analista para um outro sujeito, ainda assim encontramos um efeito especial de “bem dizer a análise” que abre caminho para muitos outros virem a demandar esse trabalho de reconstrução subjetiva num processo analítico. É notável constatar em nossa clínica esse efeito de encaminhamento de outros para o tratamento psicanalítico, o que se verifica com frequência entre parentes, amigos e namorados.

Bem, é chegada a hora de apresentarmos a hipótese que foi se delineando ao longo deste trabalho de leitura e retomada da dimensão sublimatória em sua articulação com o processo psicanalítico.

A partir da interrogação a respeito de “o quê”, numa análise, poderia propiciar a ampliação ou até mesmo o aparecimento dos processos sublimatórios no analisante, nos vimos instigados a pensar uma articulação íntima entre a *sublimação* e o *mecanismo da perlaboração*, considerado por Freud a principal peça do trabalho analítico.

### 3 ELABORANDO A PERLABORAÇÃO

Após escrever *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, em 1912, Freud se engajou na produção de uma série de artigos sobre técnica e assim nos brindou, a cada ano que se seguiu, com mais três escritos que apresentam o subtítulo de “Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise”.

Dentre eles, vamos destacar o segundo, que se intitula “Recordar, repetir e elaborar”, datado de 1914 e derivado, em português, da tradução feita para o inglês por Joan Rivière, em 1924, intitulada: “Further recommendations in the technique of psycho-analysis: Recollection, repetition and working-through”.

Assim, encontramos *elaboração* como a tradução para *working-through*, que, por sua vez, é a tradução para *durcharbeitung*. Como a nossa não é uma boa tradução, propomos recorrer a um neologismo: *perlaboração*, derivado do francês *perlaboration*.

E então? Em que consiste este conceito? Se recorrermos à leitura do artigo citado, ficamos um pouco perdidos com as raras indicações que ali se encontram. Enquanto Freud dedica a maior parte do texto ao comentário dos conceitos de *erinnern* (rememorar) e *wiederholen* (repetir), para *durcharbeiten* (perlaborar) ele reserva apenas o último parágrafo, que, curiosamente, assim se inicia: “Poderia interromper aqui, se o título deste ensaio *não me obrigas-*

se a expor outra peça da técnica analítica” (FREUD, 1996, v. XII, p. 156. Destaque nosso). Este “não me obrigasse” estaria apontando para uma dificuldade em demonstrar ou mesmo articular teoricamente o conceito de *perlaboração*? Ou, como Laplanche e Pontalis comentam em seu *Vocabulário de psicanálise*, estaria a dificuldade relacionada com a incerteza do conceito, já que encontramos em alguns tradutores do alemão o termo *elaboração*, o qual, ainda segundo esses autores, não deve ser adotado, pois corresponde melhor aos termos alemães *bearbeiten* e *verarbeiten*, que também são encontrados nos textos freudianos? Na opinião dos autores, o significado de “dar forma” que o termo *elaboração* contém poderia infletir o sentido de “elaboração psíquica/interpretativa” do termo alemão *durcharbeiten*. Na verdade, Freud já empregara os termos *durcharbeiten* e *Durcharbeitung* desde os *Estudos sobre a histeria* (1895), para indicar um certo trabalho que o analisante realiza no tratamento. No entanto, o significado mais específico só aparece no artigo que ora vimos discutindo, apontando para um fator de importância técnica equivalente aos outros dois apresentados no título do artigo, que são *erinnern* (*recordar*) e *wiederholen* (*repetir*).

Estamos, portanto, num campo essencialmente técnico, que implica o manejo correto da dimensão transferencial típica de um tratamento psicanalítico. O que nos leva, necessariamente, para o domínio da práxis, da vivência própria e insubstituível de uma análise pessoal, para todo aquele que se pretende analista. Aqui se delinea a passagem do campo técnico ao campo ético: estão de tal maneira intrinsecamente relacionados que propor uma técnica implica necessariamente um compromisso ético. Só aquele que percorreu tal caminho poderá saber de *per si*, na pele, sobre o que se trata nesse artigo de Freud.

Ainda que ele pareça não ter articulado o conceito de *perlaboração* com os de *rememoração* e *repetição*, ainda assim, aquele só tem lugar na medida em que um certo trabalho de rememoração já tenha sido engendrado, assim como a manifestação de aspectos típicos da repetição via transferência, no sujeito em análise. Tudo isso acontecendo na medida em que a dimensão transferencial da relação analítica já tenha se instalado o bastante para agir como motor propulsor de um movimento que encontra, a cada avanço feito, um obstáculo que se interpõe no caminho do sujeito, como resistência à recordação (*Erinnerung*).

#### 4 AS RESISTÊNCIAS EM ANÁLISE

Segundo Freud (1914), o primeiro passo para superar a resistência começa, como se sabe, com o ato do analista de apontá-la, torná-la consciente, pois o analisante nunca a reconhece. É preciso lembrar que a resistência só adquire seu pleno significado quando referida a

uma situação clínica. Como articula Lopes: “posta em jogo pela transferência, na transferência, a resistência indica que algo do sujeito – do inconsciente – está, neste momento, em jogo” (LOPES, 1991, p. 228). Tomando o caso do Homem dos Ratos como exemplo, Lopes nos aponta sua resistência como aquilo que “sinaliza o desejo, presentificado, ali, na transferência, em sua articulação com o analista” (LOPES, 1991, p. 229). Cabe, pois, ao analista, situá-la de modo que o analisante se familiarize com ela, assim como Lopes nos lembra a partir do texto de Lacan “Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise”: o analista somente assinala aí as resistências (LOPES, 1991, p. 229).

Ora, esse passo é apenas introdutório, e se equivocam aqueles que o confundem com a totalidade de uma análise. Continuando a trabalhar com Lopes, fundamentada, tal como nós, no texto freudiano, caberia mais uma vez citá-la: “Freud nos adverte de intervenções do analista que provocam ou incrementam resistências [...]. Referida apenas ao saber do analista, a interpretação confronta o eu com o que originalmente recalcou e do qual nada quer saber” (LOPES, 1991, p. 229). Daí se origina toda a reflexão de Lacan no *Seminário 1*, que se estende também no *Seminário 2*, culminando na formulação do seu célebre aforismo: “A resistência é resistência do analista”. Na verdade, o que se observa, na maioria das vezes, é um recrudescimento da força da resistência, seguido de um obscurecimento de toda a situação analítica. É comum ouvir-se dos analistas principiantes que nada mudou após a revelação da resistência ao analisante. Acontece até mesmo de este último, num ímpeto algo assim triunfante, se gabar, em alto e bom som, de já estar cansado de saber daquilo, e, ainda assim, nada haver mudado. Sabemos como os obsessivos nos ensinam a esse respeito.

Ora, o que nos dirá Freud no texto de 1914? Que tal expectativa sombria sempre se mostrou errônea. De fato, o tratamento encontrava-se em seu ponto alto, mas o analista se esquecia de que *nomear a resistência* pode não produzir sua cessação imediata. É aí mesmo que encontra seu lugar e sua vez o trabalho de perlaboração (*Durcharbeitung*). Faz-se oportuno citar Freud:

É preciso dar tempo ao enfermo para enredar-se na resistência, da qual ele não se dá conta; para perlaborá-la (*durcharbeiten*), vencê-la prosseguindo o trabalho em desafio a ela e obedecendo à regra fundamental (FREUD, 1996, v. XII, p. 157. Grifo no original).

Isto nos leva ao cerne da questão: trata-se de um *trabalho-durch*, isto é, *trabalho-através*. Do quê? Das resistências, na medida em que elas vão sendo interpretadas ou nomeadas. Freud empregou a palavra *resistência* desde o nascimento da psicanálise, ao esbarrar nas

dificuldades encontradas na prática da hipnose e da sugestão, tendo considerado “legítimas” as resistências dos pacientes confrontados com a “tirania da sugestão”. Com a passagem para o método psicanalítico, as resistências mudaram de estatuto: “tornaram-se passíveis de interpretação e, portanto, passíveis de ser superadas” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 659). Inicialmente, Freud considerou a resistência como aquilo que se opunha ao trabalho analítico e “julgou ser possível transpor esse obstáculo, explicando seu conteúdo ao paciente com insistência e convicção” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 659).

Tal procedimento mostrou-se insuficiente, mas ao mesmo tempo possibilitou o entendimento da resistência como um dado clínico, sintoma do recalado. A partir daí, a resistência passa a ser objeto de interpretação, assim como a transferência, que, como sabemos, é uma das formas sob a qual a resistência se manifesta. Pois, como nos diz Lopes, o analisante “se defende”, recusando um sentido que não reconhece como seu, na medida mesma em que esse pretendo saber do analista, imaginário, “se substitui ou se sobrepõe ao do analisante” (LOPES, 1991, p. 229). Daí a proposta de Lacan acerca da “douta ignorância” (LACAN, 1979, p. 317) necessária ao analista, para que seja possível, no analisante – e aí estamos plenamente de acordo com Lopes –, a emergência de um saber que lhe é próprio.

Esse trabalho vai requerer um investimento tal, tanto de tempo quanto de esforço psíquico, que muitas vezes parece haver uma estagnação do processo analítico. Para Freud, é a partir do reconhecimento da resistência que analista e analisante descobrem as moções recaladas que a estão alimentando e se convencem de sua existência e de seu poder de determinação na conduta do sujeito. Por isso, é preciso dar tempo ao paciente, para que ele possa embrenhar-se no emaranhado da resistência, ocupando-se dela o quanto for necessário; e, ainda mais, e outra vez, e mais ainda, enfim, se enredando na espessura da trama repetitiva do inconsciente. É tarefa árdua para o paciente, adverte-nos Freud, ao mesmo tempo em que nossa própria experiência o confirma.

O correlato de tal enredamento por parte do analisante é uma dura prova de paciência do lado do analista, já que o curso do processo não pode ser evitado e muito menos apressado. Cabe lembrar, mais uma vez, o final do instigante texto de Lopes, com quem viemos dialogando: “Parte integrante desta insólita partida de xadrez, reconhecendo seu lugar e sua função nos destinos da mesma, o analista é capaz – e somente a partir disto – de promover a superação dos obstáculos ao trabalho que se efetua. Importa, para isto, distinguir, ao longo dele, ‘quem resiste’” (LOPES, 1991, p. 230). Isto porque não há trabalho analítico que não consista, essencialmente, em enfrentar e superar as resistências, seja do analista ou do analisante. E mais: a resistência não é algo que possa ser eliminado sem resto; trata-se, na verdade, de tra-

balhar apesar e por causa da resistência, ou seja, continuar a “fazer a experiência” [*Erleben*] inerente à *Durcharheitung*.

Neste ponto, é imprescindível discutir o conceito de *resistência* a partir do texto de Freud, onde ele distingue resistência do eu e resistência do inconsciente (FREUD, 1996, v. XX, p. 149-150). O fato de a pulsão exercer uma pressão constante exige do eu um gasto permanente de energia para assegurar sua ação defensiva, no sentido de resguardar o recalque. É a esta ação que Freud chamou de *resistência*, e que devemos superar em análise. A resistência do eu relaciona-se à sua dificuldade de atentar para percepções e representações até então evitadas com tenacidade, e, por outro lado, de reconhecer como suas certas moções pulsionais totalmente opostas ao que lhe é familiar e próprio. Sendo a resistência inconsciente, em razão de seu nexa com o recalque, na medida em que ela se torna consciente, a partir do trabalho interpretativo, analista e analisante serão levados, frequentemente, a contraporem a ela “argumentos lógicos e vantagens”. Aqui, é preciso entender que se trata de opor argumentos convincentes, endereçados a um eu reflexivo, no sentido de um convite tático para que esse eu se disponha a “ver” as coisas a partir de novos ângulos. O que constitui, na verdade, uma etapa preliminar do trabalho analítico, não a sua essência.

Acontece que a dificuldade em desfazer o recalque permanece, mesmo após o eu ter resolvido abandonar suas resistências. É preciso, ainda, “superar o poder da compulsão à repetição, a atração dos arquétipos inconscientes sobre o processo pulsional recalque” (FREUD, 1996, v. XX, p. 149), o que, no dizer de Freud, constitui a fase de trabalhoso empenho que se segue ao desígnio louvável do eu de aceitação do recalque. É a esta fase que ele dá o nome de perlaboração (*Durcharbeitung*), trabalho a ser operado sobre a resistência do inconsciente. Embora Freud esteja se referindo a uma “resistência do inconsciente”, entendemos, na esteira de Lopes, que ele aponta para uma resistência do isso, pois utiliza o termo “inconsciente”, por vezes, como sinônimo para o “isso” (LOPES, 1991, p. 21). Na verdade, a resistência do isso liga-se aos fenômenos relativos à compulsão à repetição, por ação da atração que se origina das partes dos complexos pertencentes ao inconsciente. Portanto, como conclui Lopes, “estes complexos não constituem o recalque, mas são, eles próprios, parte integrante do processo de recalque” (LOPES, 1991, p. 22).

A partir das modificações introduzidas por Freud no “Adendo” de *Inibição, sintoma e angústia*, damos-nos conta de que, numa análise, devemos lidar com cinco classes de resistência, provenientes de três lados, a saber: do eu, do isso e do supereu. Do eu, provêm três formas de resistência, diversas em seu dinamismo: a resistência do recalque, a resistência de transferência, que se assemelha à anterior e permite o aparecimento de fenômenos mais nítidos.

dos, na medida em que “consegue estabelecer um vínculo com a situação analítica ou com a pessoa do analista e, assim, reanimar como se fosse fresca uma lembrança recalçada que meramente deveria ser recordada” (FREUD, 1996, v. XX, p. 150). A terceira resistência do eu, de natureza diversa, baseia-se na integração [*Einbeziehung*] do sintoma no eu e se relaciona com o que Freud chama de “ganho da enfermidade”, o que se expressa por uma renúncia a renunciar a uma satisfação secundária advinda da própria doença.

É à quarta forma de resistência, a do isso, à qual se articula a compulsão à repetição, que Freud atribui a necessidade de perlaboração, termo que designa “um trabalho inconsciente, próprio do tratamento psicanalítico, permitindo ao analisando integrar uma interpretação e superar as resistências que ela desperta” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 174).

Há, ainda, a quinta classe de resistência: a do supereu. Para Freud, é a mais obscura, parece brotar da consciência de culpa ou necessidade de punição; tem a característica de se opor a todo êxito e, portanto, à cura mediante a análise.<sup>4</sup>

Essa distinção tópica entre resistência do isso e resistência do eu nos permite compreender mais claramente o que Freud propõe no texto de 1926 (*Inibição. sintoma e angústia*): o recalque não se dissipa depois de superada a resistência do eu; “é preciso superar, todavia, o poder da compulsão à repetição, a atração dos arquétipos inconscientes sobre o processo pulsional recalçado” (FREUD, 1996, v. XX, p. 149). É nisso que se baseia a necessidade da perlaboração e, nesta perspectiva, Laplanche e Pontalis a definem como “o processo suscetível de fazer cessar a insistência repetitiva própria das formações inconscientes relacionando-as com o conjunto da personalidade do sujeito” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991, p. 340).

Por isso, Freud diz que só no apogeu da resistência pode-se descobrir as moções pulsionais recalçadas que a alimentam, permitindo passar da recusa ou da aceitação puramente intelectual para uma convicção fundada na experiência vivida. É esse trabalho que produz o máximo efeito alterador sobre o analisante, permitindo-lhe libertar-se dos seus mecanismos repetitivos, na medida mesma em que se pode entender que a perlaboração é uma repetição modificada pela interpretação analítica das resistências do isso. Após 1923, no texto sobre o eu e o isso, Freud apresenta-nos a resistência com a característica de poder ser, também, *inconsciente*; de modo que o eu da segunda tópica não coincide mais com o consciente e o pré-consciente, a ele se atribui também uma parte desconhecida.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Ver melhor este ponto no capítulo V de *O ego e o id* (1923).

<sup>5</sup> Ver, a este respeito, o trabalho de Lopes, já citado: “Algumas reflexões sobre o conceito de resistência em psicanálise”.

Nesse momento, é oportuno citar o comentário de Ferenczi sobre perlaboração em seu texto *O problema do fim da análise*:

Durante esse tempo posto à nossa disposição, não só todo o material psíquico inconsciente deve ser revivido, sob a forma de lembranças e de repetições, mas o terceiro recurso técnico da análise deve ser igualmente empregado. Quero falar do fator da translaboração analítica, ao qual Freud atribui uma importância idêntica, mas que não foi até o presente, apreciado em seu justo valor. Devemos relacionar essa translaboração, ou seja, o trabalho psíquico a que o paciente se entrega com a ajuda do analista, com a relação de forças entre o recalçado e a resistência: portanto, com um fator puramente quantitativo. A elucidação da causa patogênica, e das condições da formação de sintomas é, por assim dizer, uma análise qualitativa. É muito possível que essa análise esteja quase consumada sem que, por isso, a esperada modificação terapêutica tenha sido provocada. Entretanto, acontece às vezes que, após repetições eventualmente inúmeras dos mesmos mecanismos de transferência, vividos na análise, se produza de modo imprevisto um progresso importante que só se poderá explicar pelo efeito do fator de translaboração que finalmente obteve resultado. Com frequência, porém, é o inverso que se produz: após um longo período de translaboração, bruscamente, o caminho fica aberto para um novo material mnêmico que pode anunciar o fim da análise. (FERENCZI, 1992, p. 20).

Ainda que Ferenczi<sup>6</sup> tenha enfatizado o fator quantitativo como uma medida da relação de forças entre o recalçado e a resistência na operação de perlaboração, ou translaboração, já num próximo trabalho ele se corrige por ter sido um pouco unilateral, e acrescenta:

Penso, contudo, que a translaboração também tem um lado qualitativo, e que a reconstrução paciente do mecanismo da formação do sintoma e do caráter tem que ser repetida a cada novo progresso da análise. *Cada nova compreensão das significações exige a revisão de todo o material precedente*, o que poderia muito bem derrubar as partes essenciais do edifício que já se supunha terminado. A tarefa de uma dinâmica da técnica, entrando em todos os detalhes, será a de constatar as relações mais finas entre essa translaboração qualitativa e o fator quantitativo (descarga de afeto) (FERENCZI, 1992, p. 33-34. Destaque nosso).

Estamos de acordo, nossa experiência o confirma. O trabalho de perlaboração compõe-se do entrelaçamento entre os fatores qualitativo e quantitativo. A cada avanço na elucidação das causas patogênicas e das condições de formação de sintomas corresponde não só uma superação das resistências que foram interpretadas, como também um *quantum* de descarga de afeto. Como apenas uma única lembrança consegue entrar na consciência de cada vez, numa análise o paciente encontra-se envolvido num penoso progresso dentro do emaranhado de resistências. Trata-se, então, de um esforço prolongado despendido ao realizar-se uma tarefa de cabo a rabo, que pode ser vista como a própria atividade analítica percorrida do

---

<sup>6</sup> Lembremos que, para Ferenczi, “a análise não é um processo sem fim” e que “o neurótico não pode ser considerado curado enquanto não renunciar ao prazer de fanasiar inconsciente, ou seja, à mentira inconsciente”. FERENCZI. O problema do fim da análise. *Psicanálise IV*, p. 23 e 17, respectivamente.

início ao fim. Assim, como nos disse Ferenczi, “cada nova compreensão das significações exige a revisão de todo o material precedente” (FERENCZI, 1992, p. 28).

Isto nos evoca como metáfora da perlaboração a atividade de uma bordadeira, de um pintor, de um músico ou de um escritor que, no seu processo de criação, vai e volta sobre sua tarefa tantas vezes quantas forem necessárias para construir seu objeto. E, enquanto borda, pinta, toca ou escreve, libera um *quantum* de afeto que o alivia e, ao mesmo tempo, franqueia-lhe o acesso a um nível de equilíbrio psíquico até então perturbado. Neste sentido é que podemos entender o final do texto de Freud (1914) quando equipara a perlaboração na análise ao que representava a ab-reação no tratamento hipnótico. Ou seja, algo da ordem do vivido que produz efeitos de liberação.

De fato, essa concepção do processo analítico está mais atrelada às elaborações freudianas concernentes à primeira tópica, ressaltando o sentido da *perlaboração* como um vivido modificado pela interpretação, daí favorecendo a libertação do sujeito de seus mecanismos repetitivos inconscientes. Talvez fosse conveniente lembrar que a partir da segunda teoria das pulsões há uma espécie de reviravolta. Se, no primeiro momento, trata-se da oposição entre sexualidade e auto-conservação, na segunda teoria há uma inversão – o agente maior de Eros é o eu, que retoma a seu cargo os interesses vitais. Aqui pode-se pensar na transposição da pulsão de morte em pulsão de vida, no sentido de uma dominação, da contenção de uma pulsão anárquica e destrutiva em suas origens, o que implica ter bem claro que Eros, nessa segunda visão de Freud, visa sempre maiores unidades. De certo modo, pode-se entender, teoricamente, que Eros e pulsão de morte se apresentam, antes de mais nada, como dois grandes princípios de ligação-desligamento, portanto correlacionados, o que se confirma pela recusa de Freud em designar uma energia própria à pulsão de morte, afirmando que há uma “só e mesma libido” que, conforme o caso, está ligada ou desligada (FREUD *apud* LAPLANCHE, 1999, p. 308).

De toda forma, queremos enfatizar a importância da “experiência vivida” [*Erleben*] em contraposição à artificialidade da “experiência de laboratório”, que Freud compara ao método hipnótico, pois é exatamente a dimensão do vivido que permite ir além da aquisição de saber na análise, de natureza puramente cognitiva. Ou seja, não basta que o analista comunique ao paciente algo que ele, analista, tenha descoberto; será preciso que o paciente o elabore a partir da sua própria experiência.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A este respeito, ver a tese de doutorado de Angela Cavalcanti Bernardes intitulada *Elaboração de saber na análise: um tratamento do impossível*, defendida na UFRJ em 2000.

Trata-se para o analisante de fazer a experiência do inconsciente, através de um confronto sempre retomado entre o sujeito e as forças pulsionais que sustentam a resistência. É por isso que Freud termina seu artigo técnico dizendo que “esta perlaboração das resistências é a peça do trabalho que produz o máximo efeito alterador sobre o paciente e distingue o tratamento analítico de todo influxo sugestivo” (FREUD, 1996, v. XX, p. 157). Isto significa que, mais além de um efeito liberador – tal como acontece nos tratamentos hipnóticos, por meio da ab-reação –, numa análise, o sujeito depara-se com algo da ordem de uma “inércia psíquica”, de uma exigência pulsional contínua, que se apresenta sempre uma nova vez, à medida que o tratamento progride. Não poderíamos ver aí, nesse deparar-se com algo da ordem de uma inércia psíquica, o que Lacan vai trabalhar, posteriormente, como sendo a dimensão do real presente na experiência analítica?

## 5 O BEM DIZER: UMA MANEIRA DE APROXIMAR-SE DE *DAS DING*

Com tudo isso, vê-se porque o analisante é, durante todo tempo, convocado a “trabalhar duro” em análise, envolvendo-se numa incansável elaboração em posição de desafio à resistência que se apresenta. Trabalho comparado ao de Sísifo: “a construção da obra só se realiza graças a um incansável trabalho, elaboração ou ‘perlaboração’ de uma eterna volta sobre os vestígios do objeto perdido” (GREEN, 1994, p. 248).

Aquele que chega a esse ponto da experiência analítica – enredando-se na espessura de um real inassimilável, tendo de se haver com aquilo que resta das produções verbais decorrentes da associação livre, ou, nos termos de Lacan, com aquilo que resta da cadeia significativa dirigida ao Outro, e mais, prosseguindo em obediência à regra analítica fundamental – acedeu, em maior ou menor grau, a uma posição ética radical: ter realizado a prova do inconsciente, ao deparar-se com sua inexorável divisão constitutiva. Por isso, o sujeito vai mais além: além da articulação significativa no inconsciente, havendo-se com o que faz obstáculo ao tratamento, enquanto inércia psíquica ou o eterno retorno do mesmo, atualizado na experiência da transferência.

Desse modo, a perlaboração aparece aí como uma necessidade advinda desse fator não-significante que se presentifica na transferência, ou seja, ela é uma maneira de lidar com esse real que se apresenta na experiência de análise. Operando sob a forma de um saber resultante de um *esforço tenaz* do analisante, em oposição ao saber *oferecido* pelo analista. Cabe assinalar que Freud retoma a advertência sobre a ineficácia do saber isolado da experiência quando compara a simples comunicação verbal ao paciente com o esclarecimento sexual das

crianças, que nem por isso abandonam suas teorias infantis: “elas sabem agora algo que antes ignoravam, mas não fazem nada com os novos conhecimentos que lhes foram *dados*” (FREUD, 1996, v. XXIII, p. 236). Por isso, a perlaboração pode ser entendida como um esforço que visa ao recobrimento, ou à adequação do saber ao fator pulsional, real. Ainda que tal tarefa seja da ordem do impossível, aí mesmo é que se torna imprescindível a tentativa de engendrá-la. Para quê? Para fazer algo de novo com o gozo, como nos diz Lacan, ou com a pulsão de morte, nos instiga Freud.

Bernardes assimila a perlaboração à elaboração de um saber na análise que opera uma transformação subjetiva, por se enlaçar na verdade que aponta o impossível de dizer. Conclui, então, que “a perlaboração implica na própria experiência de fazer esse esforço de dizer o impossível de dizer que é relativo à reivindicação pulsional presente na transferência” (BERNARDES, 2000, p. 45).

Ora, *fazer o esforço de dizer o impossível de dizer* constitui o trajeto do psicanalisando que, ao percorrê-lo, depara-se com o próprio princípio constitutivo do inconsciente. Assim, ao final de uma análise, o sujeito se compenetra de sua divisão constitutiva, onde todo significante, como nos diz Lacan, “enquanto representa um sujeito para um outro significante, comporta a possibilidade de sua ineficiência precisamente para operar essa representação” (LACAN, inédito, p. 246). Donde resulta que o saber obtido numa psicanálise não possa ser tomado senão pelo que é, ou seja, “realização significativa conjugada a uma fantasia revelada” (LACAN, inédito, p. 246).

Daí a importância do que Lacan respondeu em *Televisão*, à pergunta proposta pelo entrevistador – “Que devo fazer?”: “Da minha prática extrair a ética do Bem-dizer” (LACAN, 1993, p. 72), o que não é outra coisa que o dever de orientar-se no inconsciente, na estrutura, pois, ele insiste, “o que resulta do rechaço do inconsciente é o retorno no real do que é rechaçado da linguagem” (LACAN, 1993, p. 44). Caso contrário, aquilo com que teremos de nos haver não será nada menos que uma psicose, ou uma excitação maníaca que torna esse retorno mortal. Nesse ponto, é preciso lembrar que Lacan tinha em mente o afeto da tristeza, situando-a a partir do pensamento como uma covardia moral.

Ora, à tristeza ele opõe o gaio saber, caracterizado como uma virtude, que “não é compreender, morder no sentido, mas raspá-lo o máximo possível sem que ele se torne um engodo para essa virtude, para tal, gozar do deciframento, o que implica que o gaio saber, no final, faça dela apenas a queda, o retorno ao pecado” (LACAN, 1993, p. 44).

Sabemos, a partir da nota do tradutor de *Televisão*, que “*gay sçavoir*”, “*la gaie science*”, “*le gai savoir*” são os nomes pelos quais era designada a poesia dos trovadores. Encon-

tramos aqui a indicação lacaniana para lidarmos de um *modo feliz* com essa vertente da realização significativa, ao propor que “felizmente temos aí o poeta para dar a dica” (LACAN, 1993, p. 45). E já não nos remetera Freud ao mesmo lugar?

Assim, após um percurso analítico, entendemos a dimensão sublimatória na vertente significativa como a possibilidade de fazer soar para ouvidos não moucos “a canção que o inconsciente traz em surdina”.<sup>8</sup> Então, se por um lado foi preciso associar livremente para se percorrer um trajeto de análise, por outro, há uma implicação da ética analítica no trabalho de *bem dizer* que se distingue da associação livre. O que leva Soler a opor “o silêncio pulsional que habita o amor de transferência ao bem dizer” (SOLER, [s.d.], p. 104).

Soler trabalha o seminário sobre a Ética, no qual Lacan estabelece uma oposição entre *sintoma*, como o que deriva o gozo ao longo da cadeia significativa, e a *sublimação*, como a elevação de um objeto à dignidade da Coisa. A partir da distinção entre um significante que representa um gozo – como quando falamos de um gozo que circula pela cadeia significativa – e um significante que condensa um gozo – como quando se entende que um significante, qualquer, atrai sobre si o gozo do sujeito –, Soler avança até o final do ensino de Lacan, quando então ele muda um pouco suas afirmações e propõe a versão do significante como letra. Nesse caso, a letra é o significante, não enquanto significando algo, mas enquanto implicando uma parte de gozo. Neste sentido, desaparece a diferenciação entre *sintoma* e *sublimação*, pois, no lugar da Coisa [*das Ding*], pode-se colocar tanto a sublimação do amor, quanto da obra de arte, como também a letra. Daí se pode depreender o que levou Lacan a falar da caligrafia japonesa.

Soler estabelece, assim, uma relação entre ética analítica e sublimação, apontando para a afinidade entre o analista e o artista, na medida em que ambos se orientam em função da Coisa, tomada como “o que subsiste do real no significante” (SOLER, [s.d.], p. 99).

Assim, tanto a arte quanto a psicanálise visam uma certa revelação da Coisa, seja na obra de arte ou na anamorfose do sujeito que, ao final de um trajeto analítico, deparar-se-á com algo do real que o define. É por isso que Lacan formula, no seminário sobre a ética, a afinidade da psicanálise com a tragédia, e, mais ao final, diz que seu ensino estabelece que a ética da psicanálise é a ética do *bem dizer*.

---

<sup>8</sup> Esta frase consta da nota 3, capítulo VI, de *Televisão*, como uma opção de tradução possível sugerida pelo tradutor, Antônio Quinet, para o francês “strucmre, pour peu que celle-ci soit bien l’engage, l’engage qu’apporte l’inconscient à la muette?”

Soler avança um passo e propõe, de modo inédito, que “o bem dizer é uma sublimação. Não é o significante bom, mas produzir, ao ir dizendo com os significantes: a anamorfose da Coisa. O bem dizer é uma maneira de aproximar-se da Coisa” (SOLER, [s.d.], p. 99).

Ora, como viemos trabalhando, o sujeito, numa análise, vai mais além da articulação significante no inconsciente, havendo-se com o que faz obstáculo à cura enquanto inércia psíquica, ou, em termos lacanianos, com a dimensão do real. Se, por um lado, poder-se-ia pensar que esse retorno do mesmo seria o fracasso da psicanálise e seu limite, por outro, é preciso reconhecer que Freud fez disso um princípio, dele extraíndo suas leis e deduzindo o mecanismo da perlaboração, como uma maneira de lidar com esse real não-interpretável, ou seja, com o silêncio da pulsão.

A partir daí, nesse esforço de dizer o impossível de dizer, o que se vislumbra é a própria condição da novidade: uma palavra nunca dita, um dito espirituoso, uma criação, enfim, algo novo no dizer; uma sideração que não elimina o inefável vazio da Coisa. Pois, na sublimação, não se trata jamais de tamponar, preencher ou colocar um objeto qualquer no lugar da Coisa, mas sim de saber fazer *com e a partir* do ineliminável vazio – condição inexorável do existir humano.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDES, A. C. *Elaboração de saber na análise; um tratamento do impossível*. 2000. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- FERENCZI, S. O problema do fim da análise. *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, S. *Recordar, repetir y reelaborar – Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XII.
- FREUD, S. *Puntualizaciones sobre el amor de transferencia – Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, III. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XII.
- FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XIV.
- FREUD, S. *Conferencias de introducción al psicoanálisis. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XV, XVI.
- FREUD, S. *Inhibición; síntoma y angústia. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XX.

- FREUD, S. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XXII.
- FREUD, S. *Análisis terminable e interminable. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XXIII.
- FREUD, S. *Esquema del psicoanálisis. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XXIII.
- GREEN, A O *desligamento; psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- HORNSTEIN, Luis. *Cura psicanalítica e sublimação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- LACAN, J. *O seminário – livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- LACAN, J. *O seminário – livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, J. *O seminário – livro XV: O ato psicanalítico*. (Inédito).
- LACAN, J. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. *Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- LAPLANCHE, J. *Sublimation et/ou inspiration. Entre seduction et inspiration: l'homme*. Paris: Quadrige & PUF, 1999.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LOPES, V. L. S. *Afinal quem resiste? In: III ENCONTRO Brasileiro do Campo Freudiano. O que pode um analista?* Salvador, BH: Fundação do Campo Freudiano, 1991.
- NASIO, J. D. *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SOLER, C. *El problema de la sublimación. In: Seminário del Campo Freudiano de Madrid (1988-1989) – La ética del psicoanálisis*. Madrid: Fundação do Campo Freudiano, [s.d.].